Experiência urbana e carreira no comércio sexual: uma narrativa biográfica[1]

Urban experience and career in the sex trade: a biographical narrative

Juliana Cavilha Mendes Losso
Faculdade Estácio, Brasil
Florianópolis, SC
julianacavilha@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-0765-097

Recebido em: 24 de abril de 2026
Aceito em: 31 de julho de 2026

[1] Este artigo é resultado de pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2010, sob orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.

Resumo:

Este artigo analisa trajetórias urbanas, saberes e práticas de trabalho sexual a partir da narrativa biográfica de uma mulher que atuou em diferentes cidades do estado de Santa Catarina e do interior do Paraná. Fundamentado em pesquisa etnográfica, o estudo examina como a experiência individual se constrói em interação com redes sociais, códigos ético-morais e campos de possibilidades historicamente situados. Ao privilegiar a trajetória de Márcia, interlocutora central da pesquisa, o artigo explora deslocamentos urbanos, estilos de trabalho e estratégias de negociação que conformam sua carreira no comércio sexual. A análise evidencia que essa trajetória é marcada pela produção e reapropriação de saberes práticos, por formas de agência e por astúcias mobilizadas para a sobrevivência em contextos atravessados por estigmatização, anonimato e controle social. Conclui-se que a abordagem biográfica constitui um eixo analítico fundamental para compreender o trabalho sexual como experiência urbana situada, contribuindo para os debates antropológicos sobre sexualidade, trabalho, memória e cidade no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Trabalho Sexual. Narrativa Biográfica. Trajetórias Urbanas. Etnografia. Gênero.

Abstract:

This article analyzes urban trajectories, knowledge, and practices of sex work based on the biographical narrative of a woman who worked in different cities in the state of Santa Catarina and in the interior of Paraná, Brazil. Grounded in ethnographic research, the study examines how individual experience is constructed through interactions with social networks, ethical-moral codes, and historically situated fields of possibilities. By privileging the trajectory of Márcia, the central interlocutor of the research, the article explores urban displacements, work styles, and negotiation strategies that shape her career in the sex trade. The analysis shows that this trajectory is marked by the production and reappropriation of practical knowledge, forms of agency, and astuteness mobilized for survival in contexts permeated by stigmatization, anonymity, and mechanisms of social control. It concludes that the biographical approach constitutes a fundamental analytical axis for understanding sex work as a situated urban experience, contributing to anthropological debates on sexuality, work, memory, and the city in contemporary Brazil.

Keywords: Sex work. Biographical narrative. Urban trajectories. Ethnography. Gender.

Introdução

Este artigo analisa trajetória social e itinerário urbano a partir da narrativa biográfica de Márcia[2], interlocutora principal da pesquisa etnográfica realizada na Ilha de Santa Catarina entre 2006 e 2008. Sua experiência no comércio sexual foi construída ao longo de passagens por diferentes cidades, o que lhe conferiu um repertório ampliado de práticas, saberes e estratégias de negociação nos espaços urbanos. Adoto neste artigo a perspectiva de Eckert e Rocha (2005), a narrativa biográfica constitui um dispositivo analítico privilegiado para apreender a experiência urbana como processo vivido, no qual memória, tempo e deslocamento se articulam na produção de sentidos sobre a cidade.

Ao privilegiar a narrativa de vida como eixo analítico, o artigo parte da compreensão de que a experiência constitui uma forma legítima de produção de saberes. Em diálogo com Gilberto Velho (1999), a trajetória de Márcia é compreendida como um projeto construído em um campo de possibilidades socialmente situado, atravessado por códigos ético-morais, relações de gênero e dinâmicas urbanas. A análise examina como essa experiência se articula à cidade, aos modos de ocupação do espaço e às astúcias mobilizadas para a sobrevivência no cotidiano urbano.

Experiência, biografia e produção de saberes

Partindo das reflexões de Gilberto Velho (1999) sobre os conceitos de projeto de vida e campo de possibilidades, compreende-se que os percursos individuais são sempre construídos em relação a contextos sociais, redes de interação e condições históricas específicas.

É a partir dessa perspectiva que o presente artigo se apoia em uma descrição densa das experiências socioculturais, dos códigos ético-morais e das interações sociais mobilizadas por Márcia, que atuou no comércio sexual entre cidades do Paraná e de Santa Catarina, tendo sua trajetória biográfica como eixo analítico da reflexão.

[2] Todos os nomes utilizados são fictícios, adotados para preservar a identidade das interlocutoras, com exceção de Márcia, que autorizou, por consentimento oral informado, o uso de seu nome para fins acadêmicos, conforme os princípios éticos das Ciências Humanas e Sociais (Resolução CNS nº 510/2016).

À época do trabalho de campo, realizado entre 2006 e 2008, o comércio sexual na Ilha de Santa Catarina concentrava-se sobretudo nas proximidades das entradas da cidade, especialmente na área central. Nesse contexto, a prostituição mostrava-se um operador analítico fecundo para compreender a estética urbana e os modos de apropriação da cidade, sendo o centro de Florianópolis marcado pela sobreposição de registros morais, estilos de sociabilidade e usos do espaço.

Durante o período investigado, esse cenário urbano abrigava antigas casas de "rendez-vous" associados a modestas formas de prestação de serviços sexuais, realizadas em quartos de prostíbulos ordinários ou em pequenas casas de porta e janela. Esses ambientes, frequentemente coloridos, envoltos pela penumbra, compunham um universo no qual a prostituição na área central da Ilha de Santa Catarina expressava os esforços cotidianos de homens e mulheres comuns para circular, negociar e conquistar espaços na cidade.

As reflexões de Pierre Sansot (1988) sobre o encontro entre cidade e prostituição permitem compreender esse arranjo a partir do imaginário urbano, no qual o acesso ao corpo da prostituta se associa simbolicamente à entrada na cidade. Ainda que formuladas a partir de grandes metrópoles, tais associações mostraram-se produtivas para interpretar o modo como, no contexto pesquisado, os espaços do comércio sexual funcionavam como zonas de passagem, familiarização e mediação para aqueles que chegavam à cidade.

Em diálogo com Gilberto Velho (1999), a análise das narrativas evidencia que as trajetórias no comércio sexual não podem ser compreendidas como projetos individuais isolados, mas como experiências construídas em campos de possibilidades socialmente situados. A biografia aqui examinada amiúde, revela como a prestação de serviços sexuais se articula a outras formas de trabalho, à circulação de mercadorias e às trocas simbólicas próprias das sociedades urbanas contemporâneas, inscrevendo-se na memória social e nos arranjos urbanos da cidade.

As histórias ouvidas durante o trabalho de campo me auxiliaram, neste ponto, a dimensionar o lugar da memória coletiva e das suas redes sociais de transmissão de seus saberes e fazeres na ordenação da experiência de trabalho na prostituição. Práticas sexuais e corporais que se manifestam em estilos distintos, segundo as nuances de suas formas, os valores e os ritmos de se atuar no comércio sexual e de suas modulações

estéticas, que fazem com que algumas profissionais compartilhem, entre si, o sentimento de pertença a uma modalidade de trabalho dentre outras à sua disposição.

A construção do vínculo etnográfico com Márcia

A aproximação com o universo da prostituição e com as redes que estruturam as práticas de sexo mercantil na cidade ocorreu no contexto de uma pesquisa que coordenei sobre doenças sexualmente transmissíveis, desenvolvida em 2002, voltada à análise de demandas por ações de prevenção ao HIV na região Sul do país.

No âmbito desse estudo, atuei em parceria com organizações da sociedade civil que desenvolviam ações junto a profissionais do sexo, entre elas o Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS (GAPA), cuja atuação revelou-se importante para o acesso às redes locais.

Foi nesse contexto que conheci Márcia, então ativa na instituição, aproximação que possibilitou o estabelecimento do vínculo etnográfico e o posterior acompanhamento de sua trajetória no comércio sexual, que se tornaria eixo central desta análise. À época, Márcia apresentava-se de maneira informal, com vestimentas coloridas e adereços artesanais, compondo um estilo despojado que contrastava com a formalidade institucional. Sua presença chamava atenção pela familiaridade com o espaço e com as pessoas que por ali circulavam.

Ao retornar à instituição[3] percebi que o GAPA havia passado por modificações significativas em sua organização interna. A antiga sala de recepção, antes pouco acolhedora, havia sido transformada em um espaço de atendimento mais reservado, marcado por um balcão que favorecia conversas informais e trocas discretas.

Ambiente que funcionava como um lugar de mediação e confidencialidade, no qual circulavam informações, experiências e pequenos segredos compartilhados entre usuários e ativistas. Foi nesse espaço que reencontrei Márcia, agora responsável pela recepção, atenta ao fluxo intenso de pessoas que entravam e saíam da instituição.

Tempos depois, ela relataria que sua aproximação mais intensa com o GAPA ocorreu após descobrir que era soropositiva. A partir de então, passou a desempenhar um papel relevante tanto no interior da ONG quanto no campo social do comércio sexual em Florianópolis, em razão das redes que mantinha com outras profissionais do

[3] Nos anos entre 2006 a 2008 estou em fase de trabalho de campo para o doutorado.

sexo, muitas delas também vivendo com HIV. Sua atuação incluía o incentivo à adesão ao tratamento e a articulação de uma rede de solidariedade fundamental para o funcionamento cotidiano das ações da instituição. Como ela própria sintetiza: "(...) com as mulheres conhecendo seus direitos!" (Márcia, Extrato de entrevista, 2007).

À época, Márcia tinha 54 anos e havia construído sua carreira como profissional do sexo ao longo de quase três décadas, atuando em boates e prostíbulos de cidades do interior do Paraná e de Santa Catarina. Nos primeiros contatos, mostrava-se reservada e pouco falante, mas, simultaneamente, muito envolvida com as atividades da ONG, demonstrando disponibilidade constante para as demandas da pesquisa. Sua atuação junto a outras profissionais do sexo - muitas delas conhecidas ao longo de sua trajetória nas ruas - revelou-se fundamental tanto para a constituição do campo quanto para o aprofundamento da investigação etnográfica.

Na instituição, Márcia estava sempre presente, auxiliando as pessoas que por ali circulavam, espaço ao qual se dedicava havia alguns anos. Envolvia-se em diversas atividades, entre elas cursos de artesanato, mantendo uma participação constante no cotidiano da ONG. Embora nosso primeiro contato tenha ocorrido no contexto de uma pesquisa anterior, foi no trabalho de campo do doutorado que o vínculo etnográfico se intensificou, permitindo um acompanhamento mais sistemático de sua trajetória. Ao longo desse período, mantive com ela um contato regular e, após alguns meses de convivência, nossas conversas tornaram-se mais frequentes, marcadas por um grau crescente de intimidade e cumplicidade.

Esse retorno ao campo revelou também uma mudança significativa em sua posição institucional. Márcia havia conquistado maior prestígio no interior da ONG, não apenas em função de sua antiguidade, mas sobretudo pela capacidade de articulação política demonstrada ao longo dos anos, o que redefiniu seu lugar e sua atuação no espaço institucional.

Quando a vida começa a dar giros

Márcia reside em uma casa própria, que divide com Nunes, um amigo próximo e companheiro constante em seu cotidiano. O vínculo entre ambos é descrito por ela como sólido e funcional, marcado pela conveniência de contar com alguém que cuide da

casa em suas ausências, especialmente considerando as dificuldades associadas ao local onde mora.

Segundo Márcia, essa relação também se sustentava em aspectos práticos, como a divisão das despesas domésticas - luz, água e gastos com a "venda" - além do auxílio em pequenas obras, como a construção de um muro ainda inacabado à época da pesquisa. Ao descrever os termos desse vínculo, ela mencionava que, ocasionalmente, prestava serviços sexuais ao amigo: "Eu sou uma profissional!" (Márcia, 2007), interpretando essa prática como parte de uma lógica de reciprocidade, uma vez que ele recorria regularmente a profissionais do sexo em outro ponto da cidade e remunerava por esses serviços.

Márcia nasceu em Lages/SC, mas ainda na infância mudou-se com sua família de origem para a região metropolitana da capital catarinense, em razão da transferência do pai, funcionário de uma empresa estatal, para atuar nas obras finais das rodovias que ligavam Florianópolis ao interior do estado. Segundo seu relato, nesse período a família vivia em condições razoáveis até que o pai se apaixonou por uma prostituta, episódio que culminou na separação conjugal. Diante da ruptura familiar e das dificuldades materiais subsequentes, a mãe passou a distribuir os filhos entre parentes, estratégia recorrente em contextos de vulnerabilidade (FONSECA, 2006).

Com o passar do tempo, Márcia, já separada dos irmãos - inclusive da irmã gêmea - retornou à cidade de Lages/SC para morar com uma tia paterna, proprietária de um hotel, onde permaneceu dos sete aos treze anos de idade. Esse período é lembrado por ela como particularmente penoso, marcado por jornadas exaustivas de trabalho e punições constantes. Acordava ainda de madrugada para vender flores e leite no centro da cidade e, ao retornar, ajudava nos afazeres do hotel, sob um regime disciplinar severo, frequentemente acompanhado de castigos físicos.

Após a união definitiva de seu pai com a antiga amante, Márcia voltou a residir na casa paterna. A convivência, contudo, mostrou-se difícil, e, diante dos conflitos domésticos entre a filha e a nova esposa, o pai decidiu encaminhá-la para um colégio interno de freiras, localizado em uma cidade litorânea do mesmo estado. Segundo Márcia, movida pela curiosidade em relação à vida urbana e ao mar - experiências que até então conhecia apenas por relatos -, fugiu do internato ainda na primeira semana.

Durante essa fuga, relata ter conhecido um rapaz que lhe ofereceu cerveja. Após aceitá-la, lembra-se apenas de acordar no dia seguinte em uma casa de praia, com o

corpo ensanguentado, sem clareza sobre o que havia ocorrido. Em estado de confusão, retornou ao internato. Ao tomar conhecimento do episódio, a responsável pela instituição decidiu, com a autorização do pai, enviá-la para a casa de uma irmã em Curitiba/PR, onde passaria a trabalhar como empregada doméstica. Nesse novo contexto, Márcia vivenciou mais um episódio de violência sexual, sendo estuprada pelo filho da patroa, experiência que ela associa ao destino comum de muitas jovens empregadas domésticas.

Aprender o ofício antes de nele entrar

Seu primeiro casamento[4] ocorreu quando retornou à casa paterna, em Lages/SC, após as duas experiências de violência sexual. Aos 18 anos, por meio da rede social de seu irmão - então proprietário de boates -, Márcia conheceu seu futuro marido, que trabalhava como guarda municipal, com quem teve duas filhas.

A frequência do marido às casas de prostituição, muitas vezes acompanhado do cunhado, inseria-se em circuitos urbanos já consolidados, nos quais o comércio sexual circulava por meio de vínculos familiares e profissionais. Essa rede estendia-se ainda à figura da sogra, descrita por Márcia como amplamente reconhecida na cidade, tanto pelo seu centro espírita, quanto por seu conhecimento do chamado "ballet" das mulheres.

Segundo seu relato, a sogra mantinha relações frequentes com proprietários de boates, realizando práticas simbólicas associadas ao incremento da clientela desses estabelecimentos, enquanto o marido e o irmão participavam diretamente do "ballet", entendido como um dispositivo de circulação de mulheres entre diferentes casas de prostituição.

Tal arranjo evidencia como o comércio sexual se organizava a partir de redes familiares, práticas simbólicas e mobilidade urbana, compondo um campo social no qual Márcia já se encontrava parcialmente inserida antes mesmo de sua entrada formal na prostituição. Essas experiências antecipavam aprendizagens, contatos e

[4] Márcia casou-se duas vezes e teve três filhos: duas filhas do primeiro casamento, ainda em Lages/SC, e um filho do segundo casamento, já residindo em São José/SC, município vizinho a Florianópolis. Esses vínculos familiares se entrelaçam à sua trajetória urbana e profissional, compondo o pano de fundo biográfico sobre o qual se constrói sua carreira no comércio sexual.

deslocamentos que, mais tarde, se tornariam registros importantes e centrais em sua trajetória e na construção de sua carreira no comércio sexual.

No plano da vida cotidiana, porém, esses circuitos se desdobravam de maneira ambígua. Como ela própria descreve, "a vida ia dando giros" e, enquanto o marido circulava pelas boates acompanhado de outras mulheres, Márcia enfrentava dificuldades materiais em casa, cuidando sozinha das duas filhas. A ausência progressiva do marido em suas funções de provedor aprofundou os conflitos conjugais e levou Márcia a solicitar a separação após seis anos de casamento.

> Ficava quatro, cinco dias e não via que lá dentro da minha casa o pão de cada dia para mim comer. E eu ficava e eu sofria muito, eu vendia perfume, eu era vendedora de Cristian Grey naquela época, rodava Lages todinha...Quer dizer, ele ganhava bem, mas tudo que ganhava era para a putaria, falar bem no brasileiro, na putaria mesmo, botava tudo fora! Ai, eu não aguentei mais, aí sai. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

E, é nesse contexto, ainda na condição de mulher casada, que Márcia passa a aderir ao universo da prostituição e dá início à sua trajetória individual no comércio sexual. Os conhecimentos sobre as redes desse mercado, anteriormente apreendidos no espaço doméstico - por meio do contato com a família do ex-marido, em Lages/SC, bem como com um de seus irmãos -, funcionaram como mediações fundamentais para sua introdução progressiva no mundo das casas noturnas e das boates.

Nesse processo, a menção ao chamado "tráfico de mulheres" aponta para a existência de redes de prostituição organizadas, nas quais determinadas figuras masculinas atuavam como intermediários, responsáveis por contatar mulheres e inseri-las rapidamente no comércio sexual, extraindo desse agenciamento lucros e dividendos. A inserção de Márcia nesses circuitos ocorreu, portanto, de maneira relacional e gradual, articulando redes, previamente conhecidas, circulação urbana e aprendizado do ofício.

A iniciação no ofício

> Eu não tinha estudo, eu não tinha nada. Pensei, vou procurar uma vida mais fácil para mim também! Se é fácil ganhar dinheiro, também vou ganhar e já que ele me trocou! Aí eu peguei minhas duas filhas e entreguei para minha

> sogra e disse a senhora cuida delas, mas eu volto, pode cuidar, que eu venho dar assistência para elas. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Inserida em uma rede social na qual o trabalho na prostituição se apresentava como uma possibilidade dentre outras, Márcia decidiu passar a obter renda por meio da prestação de serviços sexuais. Nesse processo, foi construindo progressivamente um repertório prático sobre o funcionamento do campo, elaborando mentalmente uma espécie de mapa da prostituição no estado e também fora dele, especialmente no Paraná.

Seguindo as normas familiares, ela deixa suas filhas sob a guarda da sogra e migra para a cidade de Guarapuava/PR, onde seu irmão era proprietário de uma boate. Lá, aproveita-se da ausência dele, e, consegue uma vaga no local:

> Eu saí da minha casa e eu fui pra Guarapuava/PR... Fui para a boate de meu irmão em Guarapuava/ PR.... Cheguei lá pedi um quarto, perguntaram quem eu era, eu disse:" Eu sou uma mulher daquelas que convidaram em Lages pra vir pra cá[5].... (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Nesse mapa mental, articulavam-se cidades, casas noturnas, intermediários e oportunidades de trabalho, permitindo-lhe reconhecer onde havia demanda e quais deslocamentos poderiam ser realizados. Foi a partir desse conhecimento acumulado no interior de sua vida familiar, que Márcia se dirigiu à sua primeira oportunidade concreta de trabalho, marcando o início efetivo de sua atuação profissional no comércio sexual.

> A primeira boate foi na boate do meu irmão, em Guarapuava/PR mesmo, enquanto ele tava no hospital… (...) Então fiquei lá em Guarapuava/PR, até que descobriram que eu era irmã do dono da boate, me tiraram na mesma hora de dentro, me trouxeram de carro até Curitiba/PR onde estava este meu irmão e pediram para dizer que eu não tinha ficado na boate, eu fiquei 15 dias na boate. Ganhei um monte de dinheiro, nunca tinha visto tanto dinheiro na minha vida! (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Nesse contexto, Márcia passou a se reconhecer nesse universo e foi rapidamente inserida na rede social que se articulava em torno da boate, por intermédio da amante de

[5] Essa circulação mostrava-se necessária, uma vez que a presença de mulheres novas operava como elemento central para a manutenção da frequência nas boates, sendo a rotatividade parte constitutiva da dinâmica de funcionamento desses estabelecimentos.

seu irmão. Foi essa mulher quem desempenhou um papel central em sua iniciação prática no trabalho sexual, ensinando-lhe os códigos do ofício: como se portar, o que beber, como, quando e quanto cobrar. Como a própria Márcia sintetiza: "(...) eu não sabia nada, aprendi tudo lá" (Márcia, extrato de entrevista, 2007).

A entrada de Márcia na profissão revela, contudo, escolhas realizadas no interior de um campo de possibilidades, construídas por meio de intensas negociações com a realidade. Essas negociações envolviam o consumo de bebidas e drogas, bem como situações de violência, abuso e brutalidade, evidenciando os efeitos nocivos da criminalização do universo da prostituição e tensionando a imagem recorrente da "grana fácil", frequentemente contraposta à experiência concreta de um trabalho pesado e socialmente desvalorizado.

> (...) Meu irmão descobriu e mandou me dar dinheiro pra eu ir pra casa do meu pai aqui em Florianópolis/SC.. eu não quis vir.... eu peguei o dinheiro dele eu queria ir pra uma casa que eu ouvia falar que era lá em São Francisco do Sul/SC, numa boate, eu esqueci o nome dele... lá no centro espírita da minha sogra, que as mulheres iam lá, e ele (o irmão) também ia lá.... pra fazer trabalho pra chamar mulher, cachaça este negócio todo. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

O campo social da prostituição feminina, com sua complexa rede de relações e formas de trabalho, códigos e signos, passou a conformar a experiência urbana de Márcia, contribuindo para a construção de sua identidade como prostituta em um universo dinâmico e relacional. Em tal processo, sua condição de "mulher pública" articulava-se, em diferentes níveis, ao universo doméstico, produzindo arranjos específicos entre casa, trabalho e circulação urbana, um fenômeno recorrente na trajetória de muitas outras interlocutoras, ainda que marcado por matizes e nuances próprios de cada percurso individual.

Em diversos momentos de sua narrativa biográfica, torna-se evidente a ponderação de Márcia em relação a seus objetivos e escolhas no interior da profissão, escolhas essas realizadas no interior de um campo de possibilidades socialmente situado (VELHO, 1999).

Sua trajetória é atravessada por sucessivas aproximações com o universo da prostituição mediadas por figuras masculinas centrais - o pai, o marido e o irmão -,

ainda que em contextos sociais distintos. Relata, inicialmente, que o pai abandona a família para casar-se com uma profissional do sexo; posteriormente, é o marido - em articulação com sua família de origem - quem a introduz nos circuitos do comércio sexual; mais adiante, já na condição de esposa e mãe, Márcia se aproxima novamente desse universo por meio de sua relação com o irmão, ambos inseridos em redes que promoviam a circulação de mulheres no comércio sexual.

Em cada uma dessas situações, a mediação feminina mostrou-se decisiva para sua inserção no campo social da prostituição, evidenciando que suas escolhas não se deram de forma automática ou aleatória, mas, a partir de negociações constantes com as oportunidades e constrangimentos disponíveis em seu campo de possibilidades.

A figura da amante do irmão teve papel central na iniciação de Márcia no ofício da prostituição, ocupando uma posição decisiva na transmissão dos saberes práticos que estruturam o trabalho sexual.

Foi por meio dessa mediação feminina que Márcia aprendeu, na experiência cotidiana, os códigos do campo, como se portar nos espaços noturnos, negociar valores, administrar o consumo de bebidas e circular entre diferentes casas. Essa aprendizagem, construída na convivência e na troca entre mulheres, antecipava o lugar que Márcia viria a ocupar posteriormente em sua carreira, quando passaria, ela própria, a orientar outras mulheres no interior desse campo social.

Ao longo do tempo, seu desempenho no trabalho revelou-se fundamental para sua consolidação na rede social do comércio sexual, processo no qual a aprendizagem se dava tanto na interação com clientes, nas boates, por meio das regras de decoro e das artes da sedução, quanto nos espaços mais privados, ligados às práticas do sexo mercantil, e, sobretudo, no convívio cotidiano com outras mulheres já experientes no ofício, responsáveis pela circulação e atualização contínua desses saberes.

Segundo seu relato, o consumo de álcool, a dança e a música compunham elementos centrais dos códigos ético-morais e das regras sociais que estruturavam a vida noturna, funcionando como dispositivos de aprendizagem e aquisição de competência nas artes da prostituição. Esses elementos integravam o processo de profissionalização de Márcia, revelando como corpo, sociabilidade e trabalho se articulavam na construção de trajetórias possíveis no contexto urbano.

Embora imagine ser o trabalho da prostituta um mero desregramento da carne, o que Márcia apresenta em sua narrativa biográfica é a aprendizagem cuidadosa das

regras sociais que conformam o universo social das prestadoras de serviços sexuais em casas de prostituição e boates. Pouco à pouco, ela vai aprendendo todos os tipos de comportamento apropriado a elas, "especificando algumas ações como "certas" e proibindo outras como "erradas" (BECKER, 1977; 53).

Batismo e identidade: a entrada simbólica no campo da prostituição

> Vim para São Francisco do Sul/SC. Lá onde eu tinha ouvido falar, uma vez lá em Lages numa boate em São Francisco, que o homem andava atrás de mulher. Minha sogra tinha muitos filhos então era sempre muita gente, tinha muito conhecimento. Aí eu fui para uma outra boate. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Márcia relata que, ao sair da boate do irmão naquela noite, dirigiu-se diretamente à rodoviária, onde comprou uma passagem para São Francisco do Sul/SC. Esse deslocamento imediato pode ser compreendido como um momento de separação, no sentido clássico dos rituais de passagem descritos por Van Gennep (1978), no qual o afastamento do espaço social anterior cria as condições para a transição.

O anonimato e a condição de estrangeira, associados à chegada a uma nova cidade, ofereciam-lhe a possibilidade de suspender vínculos prévios e inaugurar um projeto de vida e de trabalho no universo do sexo mercantil.

É nesse novo local de trabalho que Márcia recebe seu nome de batismo na profissão "Márcia", codinome que passaria a utilizar ao longo de toda a sua carreira e que é empregado neste artigo com seu consentimento e por sua solicitação.

O episódio é descrito como um ritual de agregação e reconhecimento no interior do campo da prostituição, correspondendo ao momento de incorporação do ritual, conforme proposto por Van Gennep. Realizado no círculo de mulheres que trabalhavam na casa, com a presença da figura masculina associada à proteção do proprietário da boate, o batismo envolveu a escolha do nome e um "banho de champanhe", gesto que simbolizava sua entrada formal no grupo e a legitimação pública de sua nova identidade profissional.

Entre esses dois momentos, a saída da cidade de origem e o batismo no novo espaço de trabalho, situa-se uma condição liminar (Turner, 1974), marcada pela suspensão de identidades anteriores e pela abertura a novas formas de pertencimento.

Em sua narrativa, Márcia descreve esse processo em um tom que ela própria qualifica como romântico, atribuindo ao ritual o significado simbólico da morte das figuras da esposa e da mãe e de seu renascimento como prostituta. Essa passagem aparece como fundamental para reorganizar sua trajetória no interior de uma profissão atravessada pelo estigma e pelo preconceito, permitindo-lhe reinscrever sua experiência em novos marcos simbólicos.

O processo de "trocar de nome" ou assumir um "nome de batalha" opera, assim, como um dispositivo ritual e identitário central. Por meio dele, Márcia passa a gerir a coexistência de papéis sociais distintos: de um lado, a atuação profissional no comércio sexual, exercida nos espaços públicos; de outro, a vida familiar, regulada por códigos ético-morais específicos. Essa separação, construída ritualmente, organiza tempos, espaços e fronteiras simbólicas, conferindo estabilidade à sua experiência social como prostituta.

Em sua escala de valores, o codinome "Márcia" permite-lhe negociar consigo mesma e com os outros sua identidade social, distinguindo a profissional do sexo da mulher que se reconhece como mãe, esposa e, mais tarde, avó. A troca de nome emerge, assim, como uma tática (De Certeau, 2000) de manejo dos efeitos morais do sexo mercantil sobre outras esferas da vida social, funcionando como estratégia de preservação de si diante da exposição exigida pela carreira. Trata-se, nas palavras de Márcia, de uma forma de impedir que "a rua" atravesse as fronteiras do espaço doméstico.

Um caminhar entre as cidades

A partir de São Francisco do Sul/SC, acumulam-se relatos de boates, deslocamentos e histórias que passam a se encadear de modo coerente ao longo do tempo, atribuindo sentido progressivo aos diferentes momentos de sua experiência profissional e conformando uma trajetória construída na "batalha", agora plenamente inserida no campo social da prostituição.

> A gente chegava, batia na porta, eles olham a mulher primeiro, se ela é bonita. Porque eu estou com 54 anos, mas eu já fui uma gata (diz rindo), hoje eu estou gorda, mas antigamente, eu tinha o meu corpinho, bonitinho, era bonita. Aí eles olhavam, no caso deles, da prostituição, a mulher é quem

> bebe, a mulher tem que beber, beber bastante, para dar bastante lucro para a casa. Aí eu vim e fiquei acho que em São Francisco do Sul/SC, uns três anos. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Nas escolhas e decisões relativas às boates nas quais deveria procurar emprego, Márcia mobiliza saberes e referências apreendidos ainda no interior de sua rede familiar. Trata-se aqui de uma reapropriação estratégica de saberes e conhecimentos adquiridos anteriormente, quando ainda circulava no âmbito da família, acerca dos circuitos mais conhecidos e valorizados da prostituição.

Foi a partir desse repertório que Márcia atenta, ouviu referências à chamada Vila Palmira, localizada no município de São José/SC, espaço que viria posteriormente a conhecer por meio de um amante. Ao recuperar esse episódio em sua narrativa, evidencia como esses aprendizados iniciais, relativos à hierarquia dos locais, ao prestígio das casas e às posições ocupadas por mulheres e homens no campo, passaram a orientar seus deslocamentos e decisões no comércio sexual, sendo acionados de modo seletivo e situado ao longo de sua trajetória.

Esses conhecimentos, incorporados antes mesmo de sua inserção plena no campo, foram posteriormente reapropriados de forma estratégica, operando simultaneamente como táticas cotidianas (De Certeau, 2000) e como escolhas realizadas no interior de um campo de possibilidades socialmente situado (Velho, 1999). Assim, tais saberes tornaram-se recursos centrais na organização de sua vida profissional e na consolidação de sua carreira como prostituta.

> Eu conheci esse rapaz...., ele veio fazer uns apartamentos em frente ao Comper (supermercado), e me pegou como amiga pra trabalhar de empregada pra ele. Mas eu ali já vendo.... Eu vou cozinhar? Pra quarenta e poucos homens sem ganhar nada?? Só pra ficar igual uma dona de casa aturando desaforo. Eu não!! Eu vou é pra uma tal de Vila Palmira!! (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Ao assumir agora a posição de mulher que circula no comércio sexual, Márcia não apenas reatualiza esse circuito, mas o reorganiza a partir de sua própria agência, lançando mão dos saberes e referências familiares como recursos para ordenar sua vida profissional. Esse retorno, longe de indicar repetição ou destino, evidencia a maneira pela qual experiências pretéritas são reapropriadas estrategicamente no interior de um

campo de possibilidades socialmente situado (Velho, 1999), operando como táticas cotidianas (De Certeau, 2000) na construção de sua trajetória no comércio sexual:

> Cheguei na Vila Palmira, tinha umas vinte casas, ele foi me mostrando, eu disse, quero aquela lá em cima, aquela amarela!!! Cheguei lá, a mulher me conhecia de Lages! Ela era empregada no hotel da minha tia que me criou e trocou as minhas fraldas... Ela também frequentava em Lages a casa de minha sogra que mandava fazer trabalha para trazer mulher para a casa, para dar bastante movimento, esses negócios. Eu me dei bem, cheguei ali e já peguei no bar e na boate!! (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

As "casas" às quais Márcia se refere são, na realidade, casas de programa, boates, assim denominadas porque são nelas que as profissionais moram e trabalham, reunindo a um só tempo o local de residência e o de atividade profissional.

A rotina de trabalho na profissão envolvia não apenas o turno da noite, em referência ao atendimento ao cliente, mas aumentava durante o dia, com a realização dos serviços de manutenção e limpeza da casa de prostituição, serviços domésticos que as "mulheres de programa" eram incumbidas de realizar.

Um trabalho que a "dona", ou a "velha", controlava com rigor a sua execução e que revela uma hierarquia no desempenho das funções e dos papéis entre as mulheres que ali trabalhavam. No relato de Márcia, a referência ao compartilhamento de roupas e adereços entre as mulheres da "casa" pontua certo grau de solidariedade entre elas diante dos conflitos pela conquista de clientes, principalmente, dos mais abonados que frequentavam o local.

Durante o trabalho de campo, fomos, eu e Márcia à área onde anteriormente se localizava a Vila Palmira, espaço que, à época da pesquisa, já não existia mais como zona de prostituição. O local havia se transformado em um bairro predominantemente residencial e familiar, restando apenas ruínas e vestígios materiais do que fora, no passado, um território central do comércio sexual na região metropolitana de Florianópolis/SC. O nome "Vila Palmira", inclusive, já não era mais utilizado para designar o bairro, permanecendo apenas na memória daqueles que haviam vivido ou circulado por ali.

Ao percorrer esse espaço, Márcia referia-se à Vila Palmira como um território-mito, mobilizando as histórias que ouvira de Dona Nair, antiga prostituta da

região, conhecida por ela na época em que trabalhava nas chamadas "casinhas". Esses relatos permitiam-lhe reconstruir imaginariamente o lugar, estabelecendo contrastes entre a Vila Palmira de outrora e aquela que conhecera nos anos 1980, sobretudo no que dizia respeito aos modos de exercer a profissão e aos critérios de profissionalismo vigentes em diferentes períodos.

Segundo as narrativas de Dona Nair, a Vila Palmira do passado configurava-se como um espaço marcado por formas mais explícitas de brutalidade no comércio sexual, distante daquilo que Márcia reconhecia como relações de trabalho "modernas", baseadas em acordos prévios, negociação de valores e maior previsibilidade dos programas.

> Esse tempo eu não peguei, quem pegou esse tempo foi a Nair que eu morei, a dona da casa... que ela contava pra nós...
> (...) Eles (os marinheiros) vinham, eles vinham igual uns bichos assim... eles queriam comer a mulher de graça, beber de graça... tudo, tudo eles não pagavam nada, eles quebravam tudo. E... quando chegava, quando atracavam os navios, as mulheres já ficavam tudo.... tudo com medo.... porque era..... eles eram parecem uns animal, eles não eram ser humano... eles eram igual a bicho... Entendesse? Desde aquela época, eles forçavam as mulher a fazer o que não queria. Porque assim quando a mulher ia no quarto... Por exemplo, assim no meu tempo, já sempre acertava antes e cobrava antes... não tem? Se a mulher ia fazer sexo anal, se ia fazer oral... naquele tempo era chupar né? Chupa e dá o cú bem, bem, fala bem o brasileiro mesmo.... Hoje é sexo anal, é sexo oral... e muitas vezes dava muita briga, dava muita confusão. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

A violência, nesses relatos, aparecia como elemento constitutivo das formas mais antigas de organização do trabalho sexual, sendo progressivamente deslocada — ao menos no plano discursivo — nas versões mais recentes, associadas à valorização da noção de indivíduo e às ideias de autonomia e liberdade dos sujeitos envolvidos na transação comercial.

Sair da noite para tentar o dia

> (...) a gente queria ser feliz! A gente fazia um monte de planos, um monte de projetos... e o amor né? Ele era o gigolô mais bonito que tinha na zona! O

> cabelo dele batia aqui sim, no tempo do Roberto Carlos! (apontando pras costas). Então a gente resolveu casar. A mãe dele não veio no casamento... ela disse que já não ia dar certo.... porque não ia dar certo... porque eu era puta. A gente ficou seis anos... (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

É nesse contexto da Vila Palmira, que Márcia conhece aquele que viria a ser seu segundo marido, encontro ocorrido ainda nos circuitos da Vila Palmira. Como ela própria costuma dizer, "a vida foi dando giros" novamente, e esse encontro marca um novo momento de inflexão em sua trajetória. Ao iniciar essa relação, Márcia se afasta do comércio sexual, reintegra-se à vida familiar e passa a investir em um projeto de estabilidade, que incluía a reunião com as filhas do primeiro casamento e o desejo de ter mais filhos.

O casamento celebrado na igreja, "de branco", aparece no relato de Márcia não apenas como um evento biográfico, mas como a formulação de um projeto de vida alternativo ao comércio sexual, ancorado em expectativas de estabilidade afetiva, reintegração familiar e reconhecimento social.

A decisão de afastar-se da prostituição, nesse momento, não se apresenta como ruptura definitiva com o campo, mas como uma aposta consciente em outro modo possível de organizar sua trajetória, fortemente atravessado por valores românticos e idealizados de conjugalidade, maternidade e pertencimento.

Como ela própria afirma, tratava-se de "tentar ser feliz", reunir as filhas do primeiro casamento, constituir uma nova família e ter mais um filho - projeto que se materializa temporariamente com a mudança de moradia, a reorganização do cotidiano e o nascimento do terceiro filho. Contudo, à medida que os conflitos domésticos se intensificam, sobretudo diante das dificuldades de convivência entre o marido e as filhas, esse projeto começa a revelar seus limites práticos, expondo a fragilidade das expectativas que o sustentavam. Nesse ponto, a narrativa de Márcia volta a acionar a ideia de que "a vida vai dando giros", expressão que sintetiza a compreensão de sua trajetória como processual, aberta e não linear.

A possibilidade de retorno ao comércio sexual[6], deve ser compreendida, assim, não como fracasso do projeto conjugal, mas como parte de um processo contínuo de reorientação de projetos, no interior de um campo de possibilidades em constante

[6] Ou de sua reavaliação como alternativa de trabalho.

transformação. Tal movimento evidencia a capacidade de Márcia de revisar escolhas, redefinir prioridades e reapropriar-se de saberes e experiências anteriores, acionando-os estrategicamente na construção de sua trajetória de vida e de trabalho.

Quando o projeto se desfaz

> Faz 27 anos que isso aconteceu. Eu era casada na umbanda com um e no padre com outro. Esse que é o pai do meu filho, mora ali. Foi um dos gigolôs da vila Palmira. É. Esse que foi meu marido... eu tirei ele de gigolô, daí nos casamos..., onde que a gente morou ali na rua do Vale ali.... aí que um dia me surpreendi nós entramos dentro do ônibus daí um cara assim: "Tirasse essa vagabunda lá da zona é?" aí daquele dia ele começou a beber, beber, beber, beber e só.... (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

O depoimento acima, evidencia que a relação conjugal estabelecida entre ela e o ex-gigolô era atravessada por um projeto comum de saída do comércio sexual, compreendido como tentativa de reconversão moral, social e identitária de ambos. Ao narrar que "tirou ele de gigolô" e que, em seguida, "nos casamos", Márcia indica um esforço mútuo de reinscrição em papéis socialmente legítimos — ela, como esposa e mãe; ele, como marido desvinculado do universo da exploração sexual. Trata-se, portanto, de um projeto conjugal que visava não apenas a reorganização da vida privada, mas também a produção de respeitabilidade pública.

Contudo, a interpelação violenta sofrida no espaço público: "tirasse essa vagabunda lá da zona", revela a persistência do estigma[7] associado à prostituição, que não se dissipa com a mudança de posição social formal. Esse episódio opera como um momento de ruptura simbólica, no qual o olhar moralizante do outro reatualiza hierarquias de gênero e contamina o projeto de saída do casal. Ainda que a ofensa seja dirigida à mulher, seus efeitos recaem fortemente sobre a masculinidade do marido, cuja incapacidade de protegê-la e de garantir a plena ruptura com o passado passa a ser vivida como fracasso. O recurso progressivo ao álcool pode, assim, ser interpretado como expressão de uma masculinidade desestabilizada, tensionada entre o ideal provedor e respeitável e a marca social de um passado que insiste em reaparecer.

[7] Aqui entendo estigma (GOFFMAN, 1999) como da "mulher decaída" ou da "vítima", assim como, para afastar, da cena pública, as representações que ligam a prática sexual mercantil à doença ou à patologia.

Com o agravamento dos conflitos domésticos, Márcia decide encerrar o segundo casamento, reconhecendo o esgotamento daquele projeto de vida tal como havia sido inicialmente formulado. No processo de separação, reorganiza de maneira pragmática as responsabilidades familiares, entregando as duas filhas do primeiro casamento aos cuidados da sogra do primeiro casamento, e confiando o filho mais novo à sogra do segundo. Esse gesto, longe de ser apresentado por ela como abandono, inscreve-se em uma lógica de redistribuição dos cuidados no interior das redes familiares, mobilizadas como forma de garantir a sobrevivência e o amparo das crianças.

É a partir desse rearranjo que Márcia retoma a vida no comércio sexual. Tal retorno não se configura como simples repetição de um percurso anterior, mas como a reorientação de um projeto de vida, nos termos de Gilberto Velho (1999), realizada no interior de um campo de possibilidades marcado por constrangimentos materiais, vínculos familiares e saberes previamente acumulados. Ao voltar à prostituição, Márcia aciona de forma estratégica experiências, contatos e competências construídas ao longo de sua trajetória, reinscrevendo-se no campo como sujeito que conhece seus códigos, suas hierarquias e suas formas de circulação.

Assim, a retomada do comércio sexual deve ser compreendida como parte de um movimento mais amplo de revisão e reformulação de projetos, no qual diferentes alternativas de vida e trabalho são avaliadas, abandonadas ou retomadas conforme as condições objetivas e as expectativas subjetivas se transformam. A trajetória de Márcia evidencia, desse modo, a natureza processual, não linear e negociada das escolhas biográficas, articulando família, trabalho e mobilidade urbana na construção de sua carreira no comércio sexual.

Ser amante, ser muitas na profissão

Reinicia-se, assim, outro ciclo em sua trajetória profissional, desta vez fora dos circuitos da Vila Palmira. É na cidade de Palhoça/SC e suas boates que passam a se apresentar como uma nova possibilidade de reinvestimento na carreira. Nesse deslocamento, Márcia vislumbra a abertura de outros mercados, a ampliação da clientela e a chance de reorganizar sua atuação em contextos nos quais o comércio sexual lhe parecia oferecer maiores benefícios e margens de autonomia.

Na nova boate, Márcia reatualiza os saberes apreendidos em sua iniciação profissional, mobilizando experiências e códigos aprendidos anteriormente, especialmente aqueles transmitidos pela amante do irmão, para compreender e operar as hierarquias que estruturam o universo feminino da prostituição. É nesse contexto que passa a ocupar a posição de "amante do dono", reencenando um lugar relacional já conhecido, que lhe confere visibilidade e autoridade simbólica, ainda que sem garantir plena autonomia para atuar no comércio sexual do estabelecimento.

Segundo seu relato, essa condição era frequentemente contornada com astúcia, por meio da manutenção de vínculos discretos com alguns clientes que por ali circulavam. Ao mesmo tempo, o proprietário da boate mantinha ampla margem de ação, inclusive para estabelecer relações com outras profissionais, sobretudo com as recém-chegadas, o que tornava ainda mais evidente a assimetria de poder no interior do campo.

Ao ocupar essa nova posição na carreira, Márcia passa também a desempenhar funções para além da prestação de serviços sexuais, assumindo atividades como cozinheira, camareira e uma espécie de "faz-tudo" do local. Essa ampliação de atribuições vinha acompanhada de um grau considerável de poder prático na hierarquia, que incluía, por exemplo, o controle dos contatos do estabelecimento com a polícia, seja em situações de fiscalização, seja nas interações cotidianas que envolviam a presença de agentes como clientes.

A referência, por exemplo, ao comércio de drogas pela mão da própria polícia e dos seus usuários na boate foi, progressivamente, introduzindo Márcia num mundo social até então desconhecido, onde o policial se reúne ao traficante na exploração do comércio sexual e onde a figura feminina ocupa papel de submissão. Márcia, tendo que lidar com tais personagens, desenvolve táticas para manter-se "limpa" e para manter a boate funcionando dentro destas coalizões de forças, para as quais nunca fora apresentada:

> Nunca conseguiu me levar pra cadeia.... nunca conseguiu.... mas tu sabes o que ele fazia para conseguir na boate? Ele ia lá, tinha uma menina lá, o nome dela era Romilda. Quando ela chegava ela já vinha me olhando assim, ah Márcia (eles me chamavam de Márcia) esse homem ele me obriga a ir de quatro por que só eu... porque ele não pega outra mulher.... Transava! Ela contava pra mim. Ele levava ela pra dentro do quarto e lá ela chupava tirava da boca colocava no ânus, tirava do anus colocava na vagina. Fazia tudo

> isso... e ameaçava por que ela tinha um cara que era traficante, [...] (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Nesse sentido, manobrava, com certa astúcia, a lógica social que marcava a conjugalidade estabelecida entre algumas profissionais e os donos das boates onde trabalhava:

> Eu era a gerente, eu mandava em tudo... só que eu tinha o meu horário certo, e teve um tempo que a gente tinha até a lanchonete junto, por que eu cuidava da lanchonete quando ele ficou doente, eu cuidava da lanchonete, mas ele não me explicava a doença dele... ele dizia que era do coração. Mas do coração ninguém andava armado. Quem sofre do coração não entra numa boate, pois ele vê briga e vê confusão, vê polícia. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

No relato de Márcia transparece o lugar de poder que a figura da amante ocupa na rede social envolvendo o sexo mercantil nas boates, uma vez que esta conjugalidade lhe permite, simbolicamente, ocupar o lugar da "esposa" do dono do comércio local, no exercício da autoridade e do prestígio junto as suas ex-colegas de trabalho:

> Trabalhar no bar, para chamar o cliente, antes era freguês, hoje é cliente, para chamar a atenção do cliente, para marcar programa, para eles verem que tem mulher nova na casa. O negócio deles era chegar mulher nova, mulher bonita, mulher de presença. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

A alta rotatividade das mulheres nas boates, (como já mencionado), é um fenômeno apontado por outras colegas de trabalho de Márcia que, em sua formação, tiveram a experiência de trabalho em boates geralmente associada à demanda dos clientes por novidades ("carne fresca") e de que estes locais oferecessem atrações, ou mulheres, que não tivessem sido "muito usadas" pelos clientes e *habitués* mais assíduos. Como forma de ascender na carreira, a conjugalidade estabelecida com os donos de boates tende a organizar-se a partir de um pacto de fidelidade unilateral, no qual a mulher assume compromissos associados à posição de "esposa", enquanto o homem preserva prerrogativas ligadas à sua posição masculina no interior do campo. Ao ocupar a condição de "amante do dono", a prostituta é progressivamente realocada a um lugar social marcado por expectativas de cuidado, lealdade e dedicação às tarefas domésticas

e de gestão cotidiana do estabelecimento, ao passo que ao proprietário se mantém um regime de circulação erótica e sexual pouco regulado, frequentemente exercido com as mulheres mais jovens que passam a integrar a boate.

Nessa configuração, a mulher deixa de atuar diretamente na prestação de serviços sexuais e passa a desempenhar funções associadas ao trabalho reprodutivo e organizacional - atendimento aos clientes, trabalho no bar, acompanhamento das outras mulheres e mediação com agentes externos, como a polícia. A conjugalidade, assim, opera como um dispositivo de poder que redefine sua posição no campo, deslocando-a da visibilidade erótica para um lugar de gestão e cuidado, enquanto preserva a assimetria de gênero que estrutura as hierarquias e as liberdades diferenciais entre homens e mulheres no interior do comércio sexual.

Ressalte-se que estes serviços não são remunerados, criando-se assim laços de dependência fortes que as unem aos seus amantes, em troca de novos desempenhos na carreira. Também M. Gaspar (1985, 12), que analisou a prostituição em camadas médias, acrescenta que no universo da prostituição a condição de amante leva a inúmeras trocas: "a parceira oferecendo, por vezes, uma série de serviços domésticos e favores sexuais com exclusividade a um único parceiro".

Entretanto, apesar de todas as regras e pactos firmados pela "tradição da casa", Márcia rompia, inúmeras vezes, com tais normas de comportamento, ainda que fora do contexto da boate, resultando disto situações de risco para ambos, geralmente envolvendo agressões físicas num ambiente em que armas e drogas circulavam livremente. Era, então, quando o "bicho pegava".

Ela atribui a essa relação de conjugalidade, de "amante de dono de boate", a qual durou mais de dez anos, a origem da sua condição atual de portadora do vírus HIV:

> Eu abri meus olhos cedo, eu tinha que sair. Aí eu fiz o exame lá no HU (Hospital Universitário)... eu já tinha três, quando eu fiz o quarto deu positivo. Aí chamei ele, ele não transava só comigo, ele tinha a mulher dele, tinha outra amiga, e tinha mais as mulheres novas que chegavam ele comia tudo de madrugada, viado, peguei ele com viado, era travesti...
>
> (...) Ele falou para mim assim, "Não tenho nada disso aí não, e não vou fazer nada de exame e pode ir embora daqui, amanhã pode ir embora daqui!". Eu disse: "Ah é? Então tá bom, então tu vai ver o bicho na tua frente, pois é eu te chamei, eu te contei, eu falei para ti, eu não tenho medo de você, não tenho medo do teu revólver, do outro teu revólver, não tenho medo do outro que tu

> tem dentro do carro. E eu não tenho nenhum, mas eu não tenho medo!" Falei para ele! (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

O que transparece nas falas de Márcia, sobre seus deslocamentos de papéis e funções no interior de sua carreira nos espaços das boates, é a possibilidade que tais lugares oferecem para a obtenção de status e prestígio na profissão e, aos quais, não teria acesso se não fosse pelo uso da sedução para galgar tais postos de destaque, como por exemplo, a de "amante do dono da boate", usufruindo de seus benefícios para o melhor e o pior de sua profissão.

É através do exercício de poder que Márcia obtém regalias com um dos grandes traficantes que frequentava sua boate, mantendo com ele uma tórrida paixão, regada com o uso regular de drogas fornecidas por ele para os clientes da boate, na qual ela ocupava o cargo de "gerente". Márcia relata seu primeiro contato com Beto, o fornecedor de drogas da boate e sua paixão fulminante por ele, numa espécie de "amor bandido".

Nessa perspectiva, é muito interessante a análise de Catherine Deschamps (2006), que aponta para a importância dos ganhos indiretos que o comércio sexual reserva para as suas profissionais, não apenas pelo poder autorizado pelo dinheiro, mas pelo estilo de vida que ele encerra como conquista da vida urbana. Algo que, guardando as devidas proporções, remete à figura mitológica das cortesãs do século XIX, das roupas de marca, dos bons restaurantes, das comidas refinadas e das bijuterias e, por que não dizer, das drogas.

O microcosmo social das boates se apresenta como lugar de "mercado" em sua força material tanto quanto simbólica. Um espaço aberto ao mundo, marcado pelo fluxo das trocas sociais múltiplas e plurais, onde a prestação de serviços sexuais se associa ao comércio de outros prazeres desregrados, resultado de um circuito de boates, bairros e cidades, os quais, perfeitamente reconhecidos pelas profissionais com mais tempo de trabalho.

Apreender o tempo da cidade

Márcia retirou-se da prostituição por duas vezes, em todas elas, em função de seu casamento com clientes. Ela alega razões afetivas para o seu afastamento da

profissão, confirmando o que M. Gaspar (1985) aponta em seus estudos sobre garotas de programa. O afastamento dessas mulheres do seu ambiente de trabalho transcorre, principalmente, com base nos rendimentos do parceiro e na sua possibilidade de sustentar o casal e a prole. O afastamento da profissão, entretanto, não afasta a carga simbólica atribuída à antiga profissão, registrada nos corpos dessas mulheres pelo imaginário masculino de uma sociedade patriarcal.

O abandono do trabalho de prestação de serviços sexuais encontra-se ancorado numa "rede de razões simbólicas e materiais" (Gaspar, 1985), que dificultam a substituição deste ofício por outro. Uma destas razões são as representações simbólicas associadas à figura da ex-prostituta como mulher, ou contaminada, por seu passado na profissão. A entrada no casamento se faz "pela porta dos fundos", uma vez que sua poluição moral está gravada em sua pele, interiorizada em sua carne, afastando-a das virtudes maritais (a figura da donzela, da castidade).

Afora as razões simbólicas, a profissão tem suas vantagens, segundo narra Márcia e muitas de suas colegas, pois a remuneração das atividades no comércio, como balconista, ou de empregada doméstica em casas de família, é inferior à remuneração que produzem num mês, só com seus programas.

Em determinadas passagens de sua narrativa biográfica, Márcia, inúmeras vezes, alude aos devaneios do amor cortesão, sensível e atormentado (e de inspiração literária), ao nutrir a idéia do casamento com o "homem perfeito" (Arruma casamento menina... Márcia, extrato de entrevista, 2007.), que a fará reverter, finalmente, a carga simbólica negativa associada ao seu destino de pecado, e para quem poderá, finalmente, dedicar sua vida, resolvendo, com isso, os dilemas dos preconceitos sociais que a atormentam "a gente só queria ser feliz.... a gente fez um monte de planos!!" (Márcia, extrato de entrevista, 2007.).

Como não pensar, aqui, na persistência da idéia romântica das formas burguesas de prostituição em sua visão de mundo da prostituição? Uma visão ao mesmo tempo pragmática, mas que se entrelaçam com a idéia de um estilo de ser e estar prostituta, mais próximo da "maison close" e em oposição àquela do "trottoir", e onde a figura da "amante", para os sonhadores de cidades, alude às imagens do luxo, dos perfumes e das jóias (Lá eu me dei bem! - Márcia, extrato de entrevista, 2007).

Nos últimos anos de sua carreira em boates, a descoberta por Márcia de sua condição soropositiva traz alterações radicais em seu projeto de vida. Momento em que se afasta do seu local de trabalho e "cai na rua":
Num processo agudo de isolamento, ela compra "um barraco atrás da boate" e passa a beber e a fazer uso regular de drogas:

> A pior droga que tem é o álcool, de todas as drogas, a pior é o álcool. Porque eu cheguei num ponto, de começar a dar ataque e quebrar tudo, uma briga porque eu queria mais. Para ver como o álcool é prejudicial à saúde, uma profissional, como para uma família, como para uma casa. Então é uma coisa que faz mais mal que uma própria doença, já é uma doença. Mas eu consegui sair de tudo, consegui sair. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

As relações de Márcia com universo das drogas estão presentes como campo de possibilidades, ao se observar os vários instantes da sua narrativa biográfica em que elas aparecem, pontuando o cenário de suas ações na carreira de prostituta. Um estilo de prestação de serviços sexuais que, muito embora, mais sujeito ao sedentarismo por conta de locais fechado (boates, bares), é diferente do nomadismo que impõe a rua, porém, não menos predatório ao corpo da prostituta:

> O dia cada uma fazia o que tinha que fazer. Depois começou a vir a droga né, o Algafan o Katovich. Aí a gente começou a se aplicar, entende-se? Se aplicar nas veias, a gente pegava uma agulha pra vinte pessoas!!! Fazia roda, roda redonda e naquela roda cada um se aplicava, se aplicava. Ficava muito doida, eram três dias e três noites de maluquice.... Hoje em dia não tem mais droga hoje... hoje em dia não tem mais droga... (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Algum tempo depois, num processo de ostracismo, ela decide retomar sua vida, mudando de local de moradia e comprando outro uma casa no Morro do Mocotó, próximo ao centro de Florianópolis, onde permanece até os dias de hoje:

> Quando eu fui morar no Mocotó, eu saí e vendi tudo na Palhoça/SC, botei tudo fora na Palhoça/SC, tudo que eu tinha eu dei. No Mocotó eu comprei um pedacinho por R$ 200,00 com um banheiro dentro, droga e droga... cocaína, maconha, bebida, o pior é que eu conheci um traficante que se apaixonou por

> mim e quase... eu levei uma sorte muito grande...ele ta na cadeia hoje, graças a Deus, tudo o que eu prometi para Deus, eu cumpri. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Em seu relato, o abandono das drogas se dá devido ao retorno a um sistema de valores do qual, segundo Márcia, ela se distanciara. Ela comenta que o fato ocorreu quando, convalescendo em razão da doença contraída e num apelo a sua formação religiosa, faz uma promessa: largar todas as drogas para passar a dedicar-se a outras pessoas que estão vivendo a mesma situação que ela. A partir daí, numa espécie de missão, Márcia passa a se envolver na numa luta contra a discriminação de portadores do vírus HIV.

Márcia refere-se ao seu trabalho nas ações do GAPA, atuando junto às travestis que conhecia, e que trabalhavam em frente ao antigo lugar de trabalho, onde havia contraído a doença. Uma forma de luta contra seu antigo patrão e amante e que resulta no fechamento daquele estabelecimento. Finalizando um longo processo de retomada de sua vida, ela processa seu antigo amante, de quem contrai a doença e, com isto, recebe uma aposentadoria pelos anos de serviço no estabelecimento.

Na ONG/GAPA, atuou por aproximadamente dez anos, onde passou por diversas funções, numa espécie de processo de expurgo de sua carreira no comércio sexual. Foi faxineira, cozinheira, conselheira e recepcionista, tendo contribuído na formação de grupos de ajuda a mulheres portadoras do HIV. Ali fez amigos, construiu relações, aprendeu novos ofícios, fez cursos, viajou e foi responsável por um projeto de assistência e apoio a mulheres profissionais do sexo.

Depois de muitos anos de dedicação, Márcia desligou-se da instituição e passou a trabalhar na associação de moradores de seu bairro, envolvida com projetos de apoio a mulheres soropositivas, como também em outra ONG da cidade.

Em termos de circuitos, ficam evidentes os itinerários urbanos escolhidos por Márcia para a sua carreira na profissão, mostrando que sua motivação se orientou no sentido de preservar sua imagem pública perante a família de origem, os pais e os irmãos, bem como, os seus filhos. A distância do local de moradia de ambos deve ser mantida como condição do exercício de sua profissão.

> E aí minha família tá assim... depois de trinta e poucos anos, ela meu viu na televisão em dezembro pedindo o Kit da carga viral não tem? Pedindo pras

> autoridades de Natal pra nós. E ela me conheceu, ela mora em Camboriú, a minha irmã há trinta e poucos anos, veio. Agora a minha família, as minhas filhas moram aqui perto da avenida das Tintas aqui. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Nesse processo de metamorfose de si (Velho, 1999), torna-se evidente que ela, assim como as demais, passa por intensos processos de alteração em sua identidade social e individual de prostituta, mas permanecem, entretanto, suas experiências e vivências femininas anteriores, reinterpretadas, agora, com outros significados, a partir de sua narrativa biográfica.

Algumas considerações

Ao narrar sua trajetória, Márcia não apenas rememora eventos passados, mas reorganiza experiências, hierarquiza acontecimentos e atribui coerência a percursos marcados por descontinuidades, revelando a cidade como espaço de inscrição biográfica e de aprendizagem social. Assim, a narrativa biográfica permite compreender o itinerário urbano não como simples sucessão de deslocamentos espaciais, mas como construção simbólica e relacional, na qual a experiência individual se entrelaça às dinâmicas sociais, morais e históricas que configuram o mundo urbano.

Tal como enfatiza Eckert & Rocha (2005), a memória não opera como simples repositório de lembranças, mas como prática social por meio da qual o sujeito reconstrói o vivido, articula temporalidades e reinscreve sua experiência na cidade. A narrativa biográfica revela, assim, a cidade como espaço de inscrição de um tempo, o tempo vivido, no qual trajetórias individuais se constituem num entrelaçado a partir e por meio de continuidades, descontinuidades, rupturas e retornos.

Nessa perspectiva, o itinerário urbano de Márcia não pode ser compreendido como mera sucessão de deslocamentos espaciais, mas como uma construção simbólica e relacional, atravessada por aprendizados, escolhas e reorientações de projetos de vida. Seus deslocamentos entre diferentes cidades e circuitos do comércio sexual evidenciam como a experiência urbana se constrói no tempo, a partir da reapropriação de saberes, da negociação ancorados na astúcia e na estratégia da mobilização de redes sociais que conferem inteligibilidade à sua trajetória.

Assim que a trajetória analisada permite compreender o comércio sexual não apenas como prática econômica ou espaço de marginalidade, mas como um campo de experiências no qual se produzem saberes práticos, estratégias de circulação e modos específicos de habitar a cidade. As escolhas, rupturas e retomadas que marcaram a carreira de Márcia revelam a centralidade da dimensão biográfica na construção de repertórios sobre trabalho, sobrevivência e agência em contextos urbanos atravessados por estigmatização e controle social.

Ao privilegiar um estudo de caso etnográfico aprofundado, o artigo buscou demonstrar como uma trajetória individual, ilumina processos sociais mais amplos relacionados à regulação moral, às hierarquias do trabalho sexual e às formas de anonimato que caracterizam a vida urbana. Aprender a e na cidade, como mostra a experiência de Márcia, implica também aprender seus limites, riscos e possibilidades, e porque não de impossibilidades, em um processo contínuo de negociação com o tempo e com a memória.

Por fim, embora ancorada em um período específico de pesquisa, a análise mantém sua atualidade ao evidenciar continuidades nas formas de gestão da presença feminina nos espaços urbanos e nas estratégias acionadas por mulheres que atuam no comércio sexual. Nesse sentido, a trajetória aqui examinada contribui para os debates antropológicos sobre cidade, gênero, trabalho e experiência, ao afirmar a narrativa biográfica como dimensão fundamental para compreender os modos pelos quais sujeitos produzem sentido, conhecimento e agência na vida urbana contemporânea.

Referências

DE CERTEAU, Michel. *Andando na Cidade.* In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 1994.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer.* 5. ed Petrópolis: Vozes, 2000. 351p.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano: 2, morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

DESCHAMPS, Catherine. *Le Sexe et l´Argente des Trottoir.* Hachette Littératures, 2006.

DUMONT, Louis. *Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.* Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ECKERT, C. & ROCHA, A. L.C. *O Tempo e a Cidade***.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ECKERT, C. & ROCHA, A. L.C. *Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica*. HUMANAS (Revista do IFCH / UFRGS), vol. 19/20, n. ½ . Porto Alegre, 1996/1997.

FERRAZ, Elisabeth Anhel; QUENTAL, Inês; SCHWENCK, César. *Profissionais do Sexo: análise de demanda por ações de prevenção de HIV/AIDS no Sul do Brasil.* Rio de Janeiro: BEMFAM, 2003.

FONSECA, Claudia. *Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares.* Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.

FONSECA, Claudia. *A dupla carreira da mulher prostituta.* In: Revista Estudos Feministas. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS/UFRJ e Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPCIS/UERJ, Vol. 4, número 1, 1996.

FONSECA, Claudia. *Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse.* Cadernos Pagu (26), janeiro-junho de 2006: pp. 11-43.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa – prostituição em Copacabana e Identidade Social.* Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1985.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas.* LTC, Rio de Janeiro, 1989.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. São Paulo, Ed. Perspectiva, Coleção Debates, 6ª edição, 1999.

LOSSO, Juliana Cavilha Mendes. *Dos desregramentos da carne: um estudo antropológico sobre os itinerários urbanos, territorialidades, saberes e fazeres de profissionais do sexo em Florianópolis.* 1 v. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2010. Disponível em: https://bu.ufsc.br/teses/PASO0255-T.pdf.

TURNER, Victor Witter. *Dramas,fields ,and metaphors: symbolic action in human society.* Ithaca; London: Cornell University, c1974,1975. 309 p. (Symbol, myth, and ritual series).

SANSOT, Pierre. *Poétique de la ville*. Paris: Klincksieck, 1988.

VELHO, G. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 5ª edição, 1999.